



**UNIVERSIDADE
FEDERAL de JUIZ de FORA**

ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO EM ARTES VISUAIS

LAURA CAMPOS DAIBERT

**CORPO MOLDE – PESQUISA CORPORAL EM METODOLOGIA ARTÍSTICA
COM BASE NA INVESTIGAÇÃO DE PROPOSIÇÕES PARTICIPACIONISTAS DE
LYGIA CLARK APLICADAS À EDUCAÇÃO BÁSICA**

**JUIZ DE FORA
2019**

LAURA CAMPOS DAIBERT

**CORPO MOLDE – PESQUISA CORPORAL EM METODOLOGIA ARTÍSTICA
COM BASE NA INVESTIGAÇÃO DE PROPOSIÇÕES PARTICIPACIONISTAS DE
LYGIA CLARK APLICADAS À EDUCAÇÃO BÁSICA**

Trabalho apresentado como requisito para a integralização da disciplina “Trabalho de Conclusão de Curso” da Especialização em Ensino em Artes Visuais da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Docente: Maria Claudia Bonadio.

JUIZ DE FORA
2019

INTRODUÇÃO

A proposição CORPO MOLDE que trago como trabalho de conclusão de curso desta Especialização em Ensino em Artes Visuais - visto que escolhi a modalidade Intervenção Artística - trabalha a partir de um recorte na história da arte contemporânea brasileira acerca da investigação de ações experimentais participacionistas da artista Lygia Clark (Belo Horizonte, 23 de outubro de 1920 – Rio de Janeiro, 25 de abril de 1988).

Segundo pesquisa realizada no site da enciclopédia Itaú Cultural o termo Intervenção Artística pode ser definido como experiência urbana empregada no campo das artes, com múltiplos sentidos, não havendo uma única definição.

Projetos desta modalidade artística são uma rica possibilidade da/o artista se inserir no tecido social abrindo novas frentes de ação e visibilidade para a arte fora dos espaços de institucionalização de forma desestabilizadora e menos comercial, tal experiência está diretamente ligada à arte contemporânea podendo ser utilizada de diversas formas por artistas como fruto de pesquisa, de processos criativos, propostas conceituais ligadas às linguagens artísticas, ao circuito da arte ou ao contexto sociopolítico, podendo ser ações efêmeras, eventos participativos em espaços públicos, interferências na paisagem urbana, ocupações de edifícios, oficinas, performances, instalações, videoarte, graffiti, pichações etc, que enquanto prática artística se consolidaram no Brasil nos anos 70 atuando na expansão da noção do que é arte com o objetivo de alterar a ordem habitual.

A partir desta delimitação, proponho uma metodologia artística de pesquisa a ser aplicada em instituições de ensino na Educação Básica. Esta pesquisa parte de um recorte considerando a biografia artística de Lygia visto que, anteriormente às proposições participacionistas a artista teve um legado em pintura e escultura tendo atuado nos movimentos Concreto e Neoconcreto.

Tendo por base a produção da artista investigada o que mais me interessa é a ruptura de paradigma com o sistema da arte clássica e moderna realizado por Clark que juntamente a Hélio Oiticica criou a Arte Participativa.

Ao longo de sua produção participacionista a artista percorreu seis fases sendo estas “Nostalgia do corpo” (1966); “A casa é o corpo” (1967 -1969); “O corpo é a casa” (1968 – 1970); “Pensamento mudo” (1971); “Fantasmática do corpo” (1972 – 1975) e “Estruturação do Self” (1976 - 1984).

A primeira fase é composta pelas proposições “Pedra e ar” (1966); “Natureza – estrutura cega” (1966 - 1967); “Livro sensorial”(1966); “Ping pong” (1966); “Desenhe com o

dedo” (1966); “Água e concha” (1966); “Respire comigo” (1966); “Diálogo de mãos” (1966) e “Diálogo de pés” (1966).

A segunda começa pela série “Roupa-Corpo-Roupa: O eu e o tu”; “Cesariana” (1967); “Máscara abismo” (1968); “Máscara sensorial” (1968); “Óculos” (1968); “A casa é o corpo: penetração, ovulação, germinação, expulsão” (1968); “Luvas sensoriais” (1968); “Casal” (1969) e “Camisa de força” (1969).

A terceira fase possui as séries “Arquiteturas biológicas: Ovo mortalha” (1968); “Nascimento I e II” (1969) e “Estruturas vivas; Diálogos” (1969).

Na quarta fase Lygia não produziu obras nomeando tal processo de “Pensamento Mudo” (1971) já a quinta fase, “Fantasmática do Corpo”, (1972 – 1975), é composta pelas proposições artísticas “Baba antropofágica” (1973); “Canibalismo” (1973); “Túnel” (1973); “Rede de elásticos” (1973); “Relaxação” (1974 – 1975) e “Cabeça coletiva” (1975) fase esta que Lygia lecionou aulas em Sorbonne na França.

A sexta e última fase participacionista de Clark foi Estruturação do self, 1976 a 84 fase esta em que Lygia muda o perfil de sua atuação enquanto artista propositora e se dedica a elaboração dos “Objetos relacionais” (1976 – 1984). Nesta fase final de sua produção a artista expande sua dedicação e profundidade à proposições artísticas trazendo um caráter terapêutico na relação entre participante, experiência imersiva e objeto artístico.

Nas fases anteriores as obras geralmente tinham um caráter coletivo na vivência das proposições. Já em Estruturação do self Clark se dedica a reunir obras produzidas anteriormente, criar os Objetos Relacionais e utilizá-los em sessões terapêuticas. Tal proposição tinha como método utilizar os Objetos relacionais em clientes em sessões de aproximadamente uma hora de duração, de duas a três vezes por semana em atendimentos em seu apartamento no Rio de Janeiro que a artista nomeia de consultório.

Segundo explicações de Lygia no documentário Memória do Corpo, filmado por Mário Carneiro em 1985, a artista simula uma sessão terapêutica com base em sua pesquisa poética com o crítico Paulo Sérgio Duarte. A artista passa a se interessar pela sensibilização que tais objetos produziram no processo de subjetivação do participante, que Lygia passa a denominá-los de cliente.

A artista manipulava os Objetos relacionais de forma intuitiva perante às observações da demanda apresentada pela linguagem corporal do cliente. Visto que, tais objetos não possuíam funções pré-determinadas a áreas corporais. Assim utilizava os Objetos relacionais em um mapeamento cartográfico dos vazios a serem preenchidos pelo processo de interpretação subjetiva do cliente no processo terapêutico relacional. Tais objetos eram

criados pela artista e outros pelo próprio cliente. Estes eram constituídos por materiais como sacos plásticos com ar, água, almofadas de areia, pedras, bolinhas de isopor, conchas do mar, mel, lanterna, peneira, etc, a serem ressignificados pelo cliente no processo relacional.

A proposta trazida por esta artista, a frente de seu tempo, é que houvesse total liberdade para que os clientes pudessem vivenciar suas demandas com liberdade, sem moralidades, à total interpretação dos sentidos sem reprimir suas emoções e sentimentos. Lygia acreditava na loucura humana enquanto potência criativa para nos emanciparmos de qualquer forma de sofrimento, trauma ou vazio. Esta frase da artista nos diz sobre o que esta mapeava em suas proposições relacionais da fase Estruturação do self “é a fantasmática do corpo, aliás, o que me interessa, e não o corpo em si.”(CLARK; OITICICA, 1998, p. 223). “Ou seja, não se trata do corpo humano enquanto representação, mas aquilo que ele apresenta como marcas, afetos, memórias. Interessam os resquícios do passado que assombram o sujeito presente e as formas que essa fantasmática produz;” (ALMEIDA, 2013, p. 9).

O objetivo de explorar os sentidos do cliente na relação entre este e os Objetos relacionais é desencadear sensações e atingir o núcleo psicótico do sujeito para então auferir um nível de organização da unidade do self. Logo, a proposição artística terapêutica possui um “papel estruturante para o self porque a psicose muitas vezes é vivenciada como fraturas fendas, buracos ou vazios no corpo. O objeto toca esse vazio e acaba incorporado no imaginário do corpo” (ALMEIDA, 2013, p. 9) do cliente que ressignifica e interpreta pela sua subjetividade o preenchimento na troca com o Objeto relacional.

O método Estruturação do self de Lygia Clark é usado pelo profissional Lula Wanderley, artista e psiquiatra, com algumas adaptações no Espaço Aberto ao Tempo instituição do complexo hospitalar Pedro II no Rio de Janeiro. Sobre o papel dos Objetos relacionais em processos terapêuticos Wanderley explica “Essa incorporação é sentida como um religamento com o mundo, uma nova experiência cósmica, construindo uma membrana que preserva a individualidade e a ampliação do contato afetivo com a realidade” (WANDERLEY, 2002, p.41). A pesquisa poética da artista na fase Estruturação do self foi sistematizada em 1980 e aplicada com variações até sua morte em 1988.

Foi este caráter terapêutico nesta pesquisa poética de Lygia Clark que me inspirou para a criação da proposição experimental CORPO MOLDE. Metodologia artística de pesquisa que proponho a ser aplicada nas aulas de Artes da Educação Básica ao estudar Arte Participativa com ênfase na produção de Lygia Clark. Ao investigar a produção das seis fases, acima citadas, é possível notar que em suas proposições participacionistas a artista dilata o tempo e a qualidade da experiência artística construindo uma expansão sensorial e psicológica

no contato entre público, objeto artístico e na profundidade da experiência a ser vivida. A qual produzirá no sujeito um processo de subjetivação e afetações nesta relação simbiótica entre público e obra. Em especial ao investigar o método Estruturação do self é possível observar um processo de ressignificação de materiais do cotidiano como luvas, tubos, sacos plásticos, pedras, conchas etc. Utilizando tais materiais para a construção de uma imersão de caráter terapêutico produzindo inovações nas experiências experimentais por meio de objetos interativos. Verdadeiros convites à um mergulho profundo no self em um processo criativo na co-habitação do eu em que a proposição não existe sem o contato com o cliente/público participativo.

Tais fases são uma expressão inovadora da contracultura rompendo com o sistema da arte clássica e moderna a medida que a artista não se satisfaz mais com a arte meramente contemplativa partindo na busca por experiências que utilizem todos nossos sentidos (tato, olfato, paladar, visão e audição) em constante diálogo com o nosso corpo físico e psicológico (o inconsciente e a consciência).

Tais propostas demandam que o espectador se torne ativo, fisicamente e psicologicamente, para vivenciar a arte sendo o corpo o suporte a ser experienciado na proposição artística. Para Lygia, assim como para Oiticica o agora, o momento presente, é o mais importante para vivenciar a arte. Esta frase da artista nos fala muito bem deste deslocamento do lugar e da temporalidade do/a artista ao criar uma proposição participacionista na arte contemporânea “Somos os propositores: não lhes propomos nem o passado nem o futuro, mas o “agora”” (CLARK, 1980b, p.32).

Logo, a obra não existe sem o envolvimento por parte de um público ativo disposto a viver o processo relacional. Outra característica da Arte Participativa era a vivência de proposições artísticas coletivas. Ao se concentrar no processo terapêutico na fase Estruturação do self com os Objetos relacionais a artista foca em experiências individuais dedicando-se a experimentar com cada sujeito a produção de subjetividades na relação entre obra e participador que agora vira cliente.

A artista esteve em processo terapêutico por um longo período de sua vida, com o psicanalista Pierre Fédida, tendo realizado psicanálise por um tempo. Porém na fase dos Objetos relacionais rompe com esta visão da psicologia freudiana e parte para a mediação de processos terapêuticos em que tudo é permitido ser vivido os sonhos, os devaneios, os traumas, os desejos mais íntimos e os fetiches sexuais. Para Clark nada deve ser reprimido.

MINHA ESCOLHA NA CRIAÇÃO DO MÉTODO EXPERIMENTAL

O objetivo da minha atual pesquisa é mostrar para os estudantes da Educação Básica (Ensino Fundamental, Médio e Educação para Jovens e Adultos) - visto que, tal método pode ser aplicado à qualquer faixa etária - que a arte é muito mais do que linguagens como a pintura, o desenho, a escultura, o teatro, a dança, a música, a fotografia ou o audiovisual (linguagens de conhecimento da maioria dos estudantes das escolas que dei aula até o momento).

A maioria dos estudantes desconhecem a performance e a body art. A partir deste fato emergiu em mim a necessidade de colocando-os em contato com a body art em um processo performático terapêutico criado por uma artista brasileira com reconhecimento internacional.

Explorando toda a potencialidade do fazer artístico criado por Lygia. Foi por esta possibilidade de co-habitar o espaço psicológico e físico na educação por meio de experiências artísticas de caráter terapêutico que escolhi investigar e criar uma metodologia em que perpassemos por estágios importantes da pesquisa em arte teoria, criação e experimentação.

Em um processo criativo que aborde, sem tabu, as questões corporais e emocionais dos sujeitos que estejam vivenciando esta possibilidade de explorar o corpo como suporte artístico pela experimentação sensorial criando e recriando emoções, memórias e sentimentos, ressignificando o espaço temporal e a qualidade da experiência da aula de Artes enquanto experiência processual e não apenas espaço teórico. Queixa que já ouvi de muitos estudantes acerca das aulas de Arte na rede pública.

APLICANDO A INTERVENÇÃO EXPERIMENTAL TERAPÊUTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

A intervenção artística que apliquei em 25 e 26 de Abril de 2019 no Instituto Estadual Educacional de Juiz de Fora foi composta por duas etapas, teórica e prática. Aplicadas em quatro aulas, duas por dia, cada uma com duração de 50 minutos no anfiteatro da escola. A amostragem da pesquisa foi realizada em uma turma de segundo ano do Ensino Médio com um total de quinze estudantes.

No primeiro dia, tivemos uma conversa em que realizei uma explanação sintética sobre aspectos teóricos que diferenciam a arte contemporânea, dentro da ruptura de Lygia Clark, perante às características da arte clássica e moderna. Neste encontro, composto por

duas aulas, os estudantes pesquisaram em seus celulares, conectados à internet, sobre a biografia da artista e sobre o conceito de Arte Participativa.

No segundo dia, também com duração de duas aulas, exibi um conjunto de slides, produzido por mim como parte do material didático, com imagens de obras de algumas das fases da artista (fotografias retiradas da tese de mestrado O projeto de arte-vida de Lygia Clark: rupturas e desafios na formação de um projeto de arte contemporânea de Izabella Maria da Silva Medeiros). Também foi exibido parte de um curta-metragem documental produzido pelo coletivo Piratão Filé de Peixe (material disponível em DVD. Neste há dois blocos de conteúdos sobre a produção de Lygia Clark. Para exibir na intervenção artística selecionei o subitem Memória do corpo em que a artista explica sobre o uso terapêutico de alguns Objetos relacionais que utilizava em processos terapêuticos em atendimentos em sua casa no Rio de Janeiro.

Ao final realizamos a experimentação de um processo relacional em que os estudantes manipularam Objetos relacionais, alguns construídos por nós, em seus amigos participantes da proposição. Seguem algumas imagens da imersão sensorial vivenciada no Instituto Estadual Educacional de Juiz de Fora:



Fig.1 - Exibição do DVD Memória do corpo e dos slides



Fig.2 - Início do processo experimental terapêutico.



Fig. 3 - Construção de Objeto relacional com meia calça, algodão, isopor, tubos e sacolas plásticas



Fig. 4 - Execução da experimentação em uma aluna do segundo ano do Ensino Médio que se prontificou a vivenciar de forma receptiva a intervenção dos demais colegas



Fig. 5 - Execução da experimentação em outra aluna que se prontificou a vivenciar de forma receptiva a intervenção dos demais colegas



Fig. 6 - Execução da experimentação em aluna que se prontificou a vivenciar a intervenção dos demais colegas



Fig. 7 - Continuidade da experimentação



Fig.8 - Finalização do processo terapêutico experimental

O grupo que vivenciou toda a intervenção proposta expressou grande interesse, visto que alguns estudantes apresentaram resistência em participar da experimentação terapêutica e ficaram observando. Ao final do processo prático conversamos sobre nossas sensações, memórias e emoções que emergiram no processo terapêutico experimental. Devido ao pequeno tempo para a aplicação da dinâmica sensorial apenas duas alunas receberam a intervenção corporal e sinestésica dos Objetos relacionais por nós produzidos.

A aluna A disse ter sentido medo e ao mesmo tempo foi gostoso e que sentiu prazeres no contato manipulado pelos colegas com os objetos ressignificados na experiência processual. Nos relatou sentir um estímulo que à trouxe prazer anal. Disse que se pudesse ficaria ali pela manhã toda. Já a aluna B nos relatou ter sentido cócegas na região do pescoço e ao mesmo tempo medo por não estar no controle em saber quais ações os colegas realizariam em seu corpo.

Os demais estudantes relataram querer vivenciar a proposição recebendo os estímulos sensoriais mas, estavam tímidos e outros não puderam devido ao tempo. Disseram que caso houvessem mais encontros estariam abertos à experienciar a imersão terapêutica. Os que se doaram a vivenciar todas as etapas da intervenção artística relataram ter o desejo de vivenciar

mais vezes este tipo de proposta nas aulas de Artes, experimentando e criando, para além de aulas teóricas ou somente atividades como desenhar, colorir e estudar a cronologia da história da arte. Afirmaram que se envolver em um processo criativo sensorial vivendo a arte a partir de seus corpos, trocando experiências e sensações com os demais estudantes e com o/a professor(a) é mais envolvente e gostariam de ter este perfil de aula de Artes no cotidiano da grade escolar. Na primeira etapa, teórica, a maioria relatou até o momento da presente intervenção desconhecer a existência da artista Lygia Clark, da body art e da performance.

Para mim como arte-educadora/artista/pesquisadora foi uma experiência muito rica e engrandecedora que me nutriu de energia para continuar investigando a body art e a performance como métodos educacionais artísticos.

Visto que o objetivo desta minha pesquisa artística é fundar, no futuro, um centro educacional e cultural de arte contemporânea para estudantes da rede pública com foco em adolescentes e adultos. Acredito que a linguagem participativa tem um grande potencial na ativação do interesse de estudantes destas faixas etárias pois, dá a estes o empoderamento criativo aguçando o interesse para viver com seus corpos e suas histórias um processo também construído e pesquisado teoricamente. Assim a teoria fica mais palpável segundo os estudantes. Além de eles se sentirem interessados em estudar história da arte brasileira e construir proposições que tenham o corpo como suporte sinestésico na ressignificação de materiais cotidianos na elaboração de um processo performático relacional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Eduardo Augusto Alves de. **Aspectos da Estruturação do Self de Lygia Clark: perspectivas críticas**. São Paulo: USP, 2013. Tese de Doutorado.

ARAÚJO, André Luiz de. **Corpo e Arte Contemporânea: O mosaico polimorfo em Farnese de Andrade**, 2009.

MEDEIROS, Izabella Maria da Silva. **O projeto de arte-vida de Lygia Clark: rupturas e desafios na formulação de um projeto de arte contemporânea**. 2012. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

MEDEIROS, Izabella. A Relação entre Corpo e Subjetividade na Obra de Lygia Clark. **Revista Concinnitas**, v. 1, n. 26, p. 36-58, 2015.